

MEMÓRIA IMPROVÁVEL DE JESUS: UMA CRÍTICA FUNDAMENTADA EM KARL POPPER À METODOLOGIA DO “JESUS HISTÓRICO”

BRUNO FLÁVIO CARMO LOPES¹

Resumo: Há mais de um século, pesquisadores têm buscado um quadro mais claro e preciso de quem seria o Jesus que andou pela Galileia. Contudo, o avanço dessa pesquisa levou cada vez mais estudiosos à conclusão de que a maneira como tem sido realizada essa busca pelo “Jesus histórico” não tem sido a melhor. O presente artigo se propõe a avaliar a metodologia dessa linha de pesquisa usando como marco teórico Karl Popper. Para alcançar esse propósito foram avaliadas apenas publicações de 2000 a 2014 que tratem sobre essa metodologia. Conclui-se que a busca pelo “Jesus histórico” foi incapaz de cumprir seu objetivo primário e que sua metodologia é passível de questionamentos.

Palavras Chave: Jesus; Histórico; Metodologia; Popper; Novo Testamento; Crítica.

UNLIKELY MEMORY OF JESUS: A CRITICAL POSITION ON THE METHODOLOGY OF THE “HISTORICAL JESUS” BASED ON KARL POPPER’S WRITINGS

Abstract: For more than a century, researchers have sought a clearer and more accurate picture of who was the Jesus that lived in Galilee. However, advance of this research has led more and more scholars to the conclusion that the way that the quest for the “historical Jesus” has been accomplished has not been the best. This article proposes to evaluate the methodology of this line of research using the works of Karl Popper as theoretical framework. To achieve this purpose, only publications from 2000 to 2014 that deal with this methodology were evaluated,

¹ Graduado em Direito pela Universidade Paulista (2010), teólogo e especialista em Teologia Bíblica pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (2015). Atualmente, é Pastor Distrital da Associação Planalto Central (DF) da Igreja Adventista do Sétimo Dia. E-mail: b.flavio85@gmail.com



concluding that the quest for the “historical Jesus” was unable to fulfill its primary objective and that its methodology is questionable.

Keywords: Jesus; historical; history; methodology; Popper; New Testament; criticism.

Introdução

No Clássico *The Life of Jesus* de 1835, David Friedrich Strauss (1902, p. 92) afirma que não seria possível separar os elementos míticos e históricos da vida de Jesus nessa primeira análise crítica. Setenta anos depois, Otto Pfleiderer (1902, p. V) acrescenta ao prefácio da quarta edição do mesmo livro que essa importante obra já estava ultrapassada. Àquela época, Strauss já havia previsto que uma linha de estudos tão incipiente, o “Jesus histórico”, dificilmente encontraria consenso. Contudo, o autor provavelmente ficaria surpreso ao ver que, apesar das várias evoluções metodológicas, pouco dessa realidade mudou. Se em setenta anos a obra de Strauss estava desatualizada, 176 anos depois, Allison Jr. (2011, p. 19-20) dizia que a metodologia da busca pelo “Jesus histórico” era uma desculpa para que cada pesquisador apresentasse suas ideias preconcebidas.

O que aconteceu? Será que depois de mais de um século a busca pelo “Jesus histórico” é capaz de alcançar os objetivos sonhados por Strauss? O propósito desse artigo é avaliar se a forma como essa busca tem ocorrido é capaz de alcançar os seus alvos propostos. Para isso, serão avaliadas algumas das principais publicações² sobre a metodologia do “Jesus histórico” durante o período que vai dos anos 2000 a 2014. Essa avaliação terá como referencial teórico as obras de Karl Popper, conhecido filósofo do método científico.

Análise metodológica

Quase dois séculos após a publicação de Strauss, a disciplina proposta por ele não conseguiu alcançar seu objetivo: determinar o que seria fato histórico ou extrapolação cristã. Isso acabou levando essa disciplina a um momento de crise ou transição. Ao menos é o que Porter diz (2000, p. 126). O autor apresenta que a busca por critérios que atestem a autenticidade de partes do evangelho (os critérios de autenticidade) parece ter se desgastado e chegado a um ponto complicado. Para ele, a busca pelo “Jesus histórico” deveria passar por uma total reavaliação, abandonando os critérios de autenticidade ou buscando novos parâmetros. Já Meier (2011, p. 291-292) argumenta que o “Jesus real”, tanto almejado pelos pioneiros desse campo, não pode ser encontrado. Ao dizer isso, ele deixa implícito que o “Jesus histórico” seria apenas

² O critério para a escolha das publicações é simples. Foram escolhidas apenas publicações que tratam acerca da metodologia do “Jesus histórico”, sendo que não foram avaliados os usos metodológicos de publicações que não lidam diretamente com a questão. Também não é interesse do presente estabelecer uma linha evolutiva dessa linha de pesquisa, de maneira que obras que apenas descrevem práticas já em desuso também não serão avaliadas. Por fim, existe a limitação do acesso a certos materiais, sendo que é possível que determinada obra não seja citada aqui apenas pela dificuldade em se obter tal publicação. Sendo assim, não existe aqui a pretensão de se fazer uma análise exaustiva.



uma reconstrução feita com parâmetros diferentes do “Cristo da fé”, suposto arranjo feito pelas tradições cristãs.

Em uma posição menos contida, Dunn (2005, p. 28-29) afirma que o “Jesus histórico” é uma reconstrução hipotética baseada em dados históricos conhecidos. Mas como esperar objetividade de uma reconstrução? Segundo Dunn (2003, p. 109), ainda que seja possível analisar esses dados objetivamente, interpreta-los e reconstruí-los é algo necessariamente subjetivo. Seguindo nessa mesma direção, Baasland (2011, p. 39), Porter e Holmén (2011, p. XV) dizem que existe uma criatividade caótica na busca pelo “Jesus histórico”, que acaba sendo uma disciplina fértil para o surgimento de ideias particulares.

Theinssen e Winter (2002, p. 256-259) elaboram ainda mais essa questão ao dizerem que qualquer reconstrução da vida de Jesus não deixa de ser uma hipótese passível de falhas. Isso leva a concluir que o verdadeiro “Jesus histórico” seria um objetivo inalcançável, restando apenas a possibilidade de descobrir alguns “Jesus plausíveis”, reconstruções em harmonia com os dados disponíveis. Algo semelhante é defendido por Eddy e Beilby (2009, p. 52-53). Os autores dão a entender que é impossível alcançar o verdadeiro Jesus, sendo que o máximo que a historiografia permite é criar uma reconstrução que seja julgada como plausível ou provável por outros pesquisadores.

Entretanto, mesmo o “Jesus Plausível” parece ser um alvo ambicioso demais. Dunn (2005, p. 22) afirma que a atual busca pelo “Jesus histórico” parte do pressuposto que a pesquisa dessa linha não pode permitir dados “contaminados” pela fé. Contudo, ele lembra que se hoje existe alguma informação acerca de Jesus, isso se dá graças à fé dos apóstolos e da comunidade cristã. Sendo assim, o autor (DUNN, 2005, p. 24-25) defende que o que está disponível hoje são os relatos provenientes do impacto de Jesus na fé dos discípulos. Chega-se então a uma mistura entre o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé”, que representaria um Cristo como interpretado e lembrado pela comunidade de fé e os que tiveram contato com ela. À essa figura, Dunn (2005, p. 31) dá o nome de “Jesus lembrado”.

Mas o que dizer de reconstruções que utilizam critérios arbitrários, ignorando parte dos dados ou fazendo escolhas subjetivas? Certamente deveriam ser desconsideradas. Contudo, muitos autores chegaram ao consenso de que a metodologia do “Jesus histórico” é ineficiente para evitar pesquisas e conclusões execráveis. Entre os que defendem essa ideia estão Porter (2000, p. 126), Jenkins (2001, p. 148), Allison Jr. (2011, p. 9), Chilton (2011, p. 134) e Malina (2011, p. 745).

Dentre esses autores, Jenkins é um dos mais críticos. Para ele (JENKINS, 2001, p. 148-153), um número crescente de pesquisadores escolhem seus critérios, fontes e modos de operar pelo apelo comercial ou pela atenção que cativam no público leigo. Além disso, Jenkins argumenta que, na busca por relevância (comercial ou acadêmica), pesquisadores fazem uso de fontes e metodologias questionáveis, mas que possuem um forte potencial de impacto. Para ele, um dos exemplos é o extenso uso feito do evangelho de Tomé. McKinght (2005, p. 11) tem uma posição



semelhante, denunciando que muitos autores atribuem à popularidade maior importância que à fidelidade histórica.

Claro que as críticas de Jenkins e Mcknight não podem ser generalizadas, contudo, elas evidenciam que a disciplina do “Jesus histórico” dá margens para esse tipo de manobras. Isso é preocupante, já que se espera que uma metodologia apropriada restrinja ao máximo a possibilidade desse tipo de ocorrências. Como isso não acontece nessa linha de pesquisa, pode-se questionar a eficiência da metodologia em questão.

Na verdade, mesmo os pesquisadores mais criteriosos podem acabar inserindo elementos subjetivos em sua análise. Essa é a conclusão da análise que Graham (2010, p. 164-169) faz da historiografia de alguns dos principais nomes da pesquisa em estudo. Em sua pesquisa acadêmica identifica que os autores avaliados impõem pressupostos, tendências e mesmo objetivos em suas obras e metodologias. Ironicamente, até elementos de fé são verificados como influenciando a pesquisa, sendo que essa linha de estudo busca justamente a eliminação desses. Segundo Graham (2010, p. 169), é inevitável que valores político-sociais surjam nas pesquisas, e mesmo afirmar que eles não deveriam estar presentes seria adotar alguns valores político-sociais.

Já Allison Jr. aborda a questão por outro ângulo: a fragilidade dos critérios de autenticidade. Para o autor (ALLISON JR., 2011, p. 3, 9), a relevância e objetividade desses critérios é questionável. Ele diz ser impossível verificar a veracidade de um enunciado fazendo uso desses parâmetros, já que existem contradições entre eles. Segundo o autor, o uso desses critérios permite chegar a conclusões diametralmente opostas acerca da autenticidade de um texto.

Como exemplo, Allison Jr. (2011, p. 6-7) apresenta o conflito existente entre o critério da dissimilaridade e o critério da múltipla atestação. Ambos critérios partem das várias ocorrências de um elemento, para chegarem a conclusões opostas: enquanto um considera como indício de contaminação por fontes tardias e populares, o outro defende que atesta a fidelidade da fonte. Além desse exemplo, o autor traz a contradição entre o critério do constrangimento e o critério da múltipla atestação: o primeiro considera que textos constrangedores são mais prováveis de serem autênticos, contudo, a lógica indica que quanto menos constrangedor mais difundido esse elemento seria. Essas contradições levam Allison Jr. (2011, p. 9) a concluir que os critérios não são confiáveis, sendo incapazes de preservar a objetividade da pesquisa. Após considerar esses pontos, Allison Jr. (2011, p. 19-20) apresenta um argumento ainda mais enfático: mesmo pesquisadores usando os mesmos critérios chegam a resultados diferentes.

Graham (2010, p. 31-32) segue nessa mesma direção. Ela diz que é comum que historiadores cheguem a conclusões contraditórias, já que fazem perguntas diferentes, abordando os mesmos dados por ângulos diferentes. Contudo, na busca pelo “Jesus histórico”, as mesmas perguntas têm respostas completamente contraditórias. Para a acadêmica, além da falta de consenso sobre quais dados são válidos, não existe acordo sobre como aconteceria a análise desses dados. Graham diz que não se sabe quais são os fatos, quais fontes serviriam como evidência a uma proposta, ou mesmo quais propostas explicariam melhor os dados disponíveis.



Não bastasse isso, o cenário fica ainda mais complicado quando se percebe a escassez de dados históricos. Meier (2011, p. 315), por exemplo, comenta que todo pesquisador deve ter em mente que futuras correções são esperadas, já que o judaísmo e cristianismo do primeiro século são quadros incompletos. Levine (2006, p. 10) concorda, e pondera que a escassez de dados históricos pode levar certos critérios de autenticidade a formar uma imagem “deformada” do Jesus que realmente existiu.

Dunn (PRICE *et al.*, 2009, p. 215) vai além disso. Ele aponta que, mesmo os dados disponíveis sobre Jesus, seriam fruto das tradições orais surgidas dos relatos testemunhais da vida de Jesus. Para o autor, isso implica em dizer que, ao contrário do texto escrito, não é possível chegar a uma versão original. Para Dunn, existiriam eventos originais, mas não um relato original e autoritativo para esse evento. Ele exemplifica mostrando que se Jesus pregou duas vezes uma mesma parábola ele poderia ter usado palavras diferentes, ou ter a mesma parábola em dois contextos diferentes. Essa simples possibilidade tornaria infrutífero o trabalho de comparação de textos, expressões etc. Sendo assim, o autor reconhece que a busca por autenticidade de determinados textos parece ser equivocada por natureza.

Além do exposto, existe também a valoração arbitrária das fontes. Ao mostrar como opera na busca pelo “Jesus histórico”, Crossan (2011, p. 183) utiliza o contexto e documentos históricos como base para julgar os textos dos evangelhos. O autor cria um cenário independente do texto bíblico, julgando trechos do Novo Testamento com base neste cenário. Caso se encaixem serão autênticos, caso contrário serão tardios. Ele defende sua metodologia argumentando que o texto do evangelho tem o objetivo de comunicar boas novas e não trazer informação historicamente confiável.

Nesse processo, o autor desconsidera os evangelhos como fonte de informação e ignora três pontos essenciais. O primeiro deles foi abordado anteriormente: o contexto histórico-cultural não é um retrato fidedigno do período em que Cristo viveu. Sendo assim, julgar autêntico ou não determinado texto ou tradição com base nesse quadro traz uma probabilidade considerável de se estar errado. O segundo ponto é que por mais que possam ser considerados como dogmáticos e tendenciosos, os evangelhos ainda são a mais completa e abrangente fonte histórica da vida de Jesus. Desconsiderá-los na elaboração do contexto, ou na busca por informações, é desconsiderar a principal fonte disponível. Por fim, o terceiro ponto ignorado pelo autor é que as demais fontes disponíveis são igualmente alheias aos critérios históricos modernos. Além disso, muitas dessas fontes são ainda mais “mitológicas” e tardias que os evangelhos.

Claro que Crossan não é o único que faz uso desse tipo de valoração, ela é percebida em diversos outros escritores de maneira interessante. Porter (2000, p. 127), por exemplo, reconhece que diversos autores valorizam os traços da língua aramaica enquanto ele valoriza os traços da língua grega. Já Allison Jr. (2011, p. 5) apresenta que o critério da dissimilaridade pode ser utilizado para separar Jesus de sua herança judaica ou das tradições cristãs.

O que resta à busca do “Jesus histórico” é, portanto, uma “Memória improvável de Jesus”. Essa é uma reconstrução subjetiva, baseada em dados fragmentados e arbitrariamente



selecionados. Dados esses que foram redigidos segundo as memórias de fiéis ou de pessoas impactadas por eles.

Claro que isso não significa que exista um consenso em abandonar a busca pelo “Jesus histórico”. A maioria dos autores reconhece as deficiências existentes, mas também apresenta propostas de soluções metodológicas. Dentre outros, Levine (2006, p. 2) sugere um retorno à crítica da forma; Porter (2000) sugere novos critérios de autenticidade; Dunn (2003, p. 882) propõe um retorno aos evangelhos como sendo memórias de Cristo retratadas por aqueles impactados por Ele; Meier (2011, p. 330) indica maior importância a um grupo de critérios e uma correção mútua dos resultados; Malina (2011) recomenda uma metodologia fundamentada nas ciências sociais; Holmberg (2011, p. 916) sugere uma busca mais aberta à teologia.

Além dessas propostas, Beilby e Eddy (PRICE *et al.*, 2009, p. 30-55) comentam que existem outras ideias de revisão para a linha de pesquisa em estudo. Segundo os autores, os últimos anos têm trazido maior consciência acerca das dificuldades pressuposicionais e metodológicas da busca pelo “Jesus histórico”. Esse despertar tem aberto debates metodológicos e apresentado diversos caminhos para uma nova fase dessa disciplina. Contudo, como se verá na análise a seguir, existem evidências de que a metodologia do “Jesus histórico” possui problemas em suas proposições essenciais.

Crítica

Para analisar a metodologia do “Jesus histórico”, o ponto de partida é definir qual o objetivo dessa linha de pesquisa. Evans (2004, p. 2) coloca que o objetivo da busca pelo “Jesus histórico” é “ganhar um retrato mais claro, mais sutil, contextualizada do Jesus da história”. Por sua vez, Byrskog (2011, p. 2183) afirma que a busca pelo Jesus “histórico” é a busca por contornos mais precisos da pessoa e da carreira de Jesus.

Ambos objetivos apresentados são semelhantes, apresentando um elemento comparativo. Evans utiliza o termo “mais”, sugerindo que o paradigma em contraste não seria suficientemente claro, sutil ou contextualizado para retratar Jesus. Já Byrskog utiliza o mesmo termo para indicar que o que se tem aparte do “Jesus histórico” não seria suficientemente preciso. Dunn (2005, p. 16) esclarece qual seria esse paradigma contrastante: o chamado “Cristo da Fé”, a figura apresentada pelos evangelhos e tradições cristãs. Outros autores, como Levine (2006, p. 5), lembram que esse era o objetivo original da busca pelo “Jesus histórico”. Assim sendo, pode-se considerar que o objetivo da metodologia em questão seria apresentar um quadro mais claro e preciso do que o apresentado pelo “Cristo da Fé”.

Ao que parece, existe a ideia que a busca pelo “Jesus histórico” seria uma abordagem cientificamente guiada da pessoa de Jesus. A noção de que essa linha de pesquisa tem caráter científico parece ser tão arraigada que, mesmo aqueles que questionam sua objetividade, defendem essa ideia. Charlesworth e Dunn são alguns desses exemplos. Se por um lado ambos defendem que essa pesquisa não pode ser considerada totalmente científica (CHARLESWORTH, 2011, p.



95; DUNN, 2003, p. 26-27), pelo outro atribuem à ela caráter científico. É o que acontece quando Dunn (2003, p. 27) reconhece que essa pesquisa está fundamentada nos pressupostos positivistas do método histórico-crítico, que se propõe como científico. Ocorre também quando Charlesworth (2011, p. 91, 94, 100) comenta sobre a busca do “Jesus histórico” como sendo científica.

Outros autores vão além, e estabelecem uma ligação um pouco mais direta. Esse é o caso de Meier (2011, p. 296), que defende que o “Jesus histórico” é o fruto de uma pesquisa utilizada com ferramentas científicas. Outro exemplo é Evans (2004, p. 9), que explica que essa busca mudou por conta das mudanças passadas pela ciência, mostrando que para ele existe uma forte correlação entre ambos.

A verdade é que nenhum desses estudiosos parece reconhecer a busca pelo “Jesus histórico” como sendo totalmente científica, afinal, a pesquisa histórica tem suas limitações. Apesar disso, grande parte dos autores estudados parece defender que a metodologia usada é científica. Ao que parece, mesmo que o “Cristo da fé” não possa ser eliminado dos dados ou o passado revisitado, as ferramentas de análise desses dados históricos são tidas como científicas.

Já que o objetivo deste artigo é justamente avaliar a metodologia do “Jesus histórico”, se faz necessário um marco teórico para proceder com esse propósito. A escolha foi Karl Popper, um dos mais notórios filósofos do século 20 e importante pensador do método científico. Ele foi escolhido por dois motivos: ele escreve justamente sobre os critérios lógicos para se considerar uma metodologia como científica e frequentemente aborda a relação entre a pesquisa científica e a pesquisa histórica, o que também é oportuno para os objetivos deste artigo.³

Sendo assim, resta responder a duas perguntas: (1) A metodologia da busca pelo “Jesus histórico” é, segundo os critérios de Popper, científica? (2) Ela é capaz de apresentar um quadro mais claro e preciso que o “Cristo da fé”?

O primeiro aspecto a ser debatido é o caráter indutivo da pesquisa do “Jesus histórico”. Segundo Popper (2008, p. 27) inferências indutivas são caracterizadas por partir de enunciados (ou afirmações) singulares para enunciados universais. Essa é também uma característica preponderante na pesquisa do “Jesus histórico”.

Podem ser apresentados alguns exemplos. Chilton (2011, p. 150-152) se baseia nas visões e comportamentos de João Batista (enunciados específicos) para argumentar que o profeta

³ Existe certa relutância em considerar Popper como um marco teórico apropriado para julgar uma abordagem científica-social. Isso porque para autores como Uebel (2003) e Baert (2005, p. 63), Popper faria parte de uma categoria alheia à ciência social, sendo um pensador das ciências naturais. Todavia, Popper não pensava assim. Segundo Jarvie (2016), Popper teria iniciado algumas de suas principais obras (“A sociedade aberta e seus inimigos” e “A miséria do historicismo”) para responder a questões surgidas dentro do âmbito das ciências sociais. Além disso, Popper também é conhecido por sua obra “Lógica das ciências sociais”, onde debate com grandes nomes da área. Segundo Jarvie (2016, p. 297, 299), Popper acreditava que seus argumentos eram válidos para qualquer área de estudo. Essa ressalva provavelmente surgiu por conta das críticas que o filósofo teceu contra as ciências sociais, como quando sugere (POPPER, 1976, p. 104) que o foco que a pesquisa social coloca nas instituições deveria ser revisto, já que apenas indivíduos podem agir. Sendo assim, apesar das ressalvas, o próprio autor reconhece suas obras como sendo válidas para analisar essas questões.



seria um mestre da cabala que ensinou Jesus a usar ervas psicotrópicas (enunciados universais). Já Crossan (2011, p. 183) estabelece descobertas arqueológicas ou documentos históricos (enunciados específicos) como padrão (enunciado universal) que julgará determinados textos. Os exemplos são abundantes, justamente porque a busca pelo “Jesus histórico” é baseada em reconstruções, e todas reconstruções são indutivistas por natureza. Isso porque para se reconstruir uma narrativa ou personagem é necessário partir da parte que se sabe (enunciado específico), para se inferir o todo (enunciado universal).

Sendo assim, é possível aplicar o que Popper pensa sobre o indutivismo à metodologia do “Jesus histórico”. Dito isso, ele (POPPER, 2008, p. 29) apresenta que um dos maiores problemas do indutivismo é que, por ser circular, ele não pode ser falseado. Isso porque a única maneira de justificar essa corrente de pensamento é recorrendo à ela mesma. Popper (1974, p. 275) diz que essa linha deve ser evitada, mesmo na pesquisa histórica. Ele aplica essa advertência a situações em que se usa um dado para criar um enunciado universal, que depois irá avaliar esse mesmo dado, já que isso seria circular.

Essas observações podem ser facilmente reconhecidas na metodologia do “Jesus histórico”. Um exemplo são os critérios de autenticidade que se estabelecem baseados em interpretações de documentos históricos para formar uma hipótese (enunciado universal) que vai servir de base para interpretar documentos históricos. Se vai do específico ao universal, para novamente retornar ao específico, sucessivamente. Talvez, uma pergunta sensata seja: como avaliar se o critério é coerente se ele mesmo determina o que é coerente? Impossível, e, portanto, circular. Sendo assim, mesmo que os documentos históricos usados sejam verdadeiros e válidos para a pesquisa histórica, o critério de autenticidade (enunciado universal) criado a partir deles seria inócuo por conta do uso da lógica indutivista.

Outro ponto apresentado por Popper (2008, p. 63-66) é que não se pode afirmar que o universo é regido por leis rígidas, onde todo evento específico faz parte de uma regularidade universal. Para o autor, isso só seria possível de ser afirmado se todos os eventos específicos fossem testados e verificados de acordo com essa regularidade. Popper (2008, p. 41) também diz que se não houver como provar que um enunciado é verdadeiro ou falso, tal enunciado não terá significado algum.

Quando se aplica isso à metodologia em análise, se percebe que é impossível validar uma reconstrução da figura histórica de Jesus, justamente porque isso exigiria conhecer todos os momentos da vida de Cristo. Além disso, é também impossível verificar se os enunciados universais são confiáveis, porque exigir-se-ia o teste de todos os elementos específicos. Tome-se como exemplo o estudo citado a pouco, onde Chilton afirma que João Batista seria um mestre cabalista por ter visões. Para se testar esse enunciado seria necessário entrar em contato com todas as pessoas que tiveram visões, algo impossível. Claro que seria possível reduzir esse enunciado universal e conseguir uma hipótese mais testável, como verificar se todas as pessoas da Galileia



que tinham visões durante o primeiro século eram cabalistas. Contudo, dentro da pesquisa histórica isso é impraticável.

Esse fato também é atestado por Popper (1974, p. 274), que reconhece que a escassez de dados abre possibilidade a inúmeras teorias plausíveis, mesmo que contraditórias. O autor complementa dizendo que apesar de aceitáveis, é possível que todas essas teorias estejam simplesmente erradas. Mas Popper não para por aí. Para ele (POPPER, 1974, p. 274-275), outro motivo dessas teorias históricas não serem passíveis de teste é que elas são baseadas em dados que, segundo os critérios modernos, são tendenciosos. O autor diz isso porque a grande maioria dos dados advindos do passado são na verdade interpretações da história, criadas por fontes parciais que registraram apenas o que acharam conveniente. Donne (2011, p. 79) defende algo semelhante quando diz que, antes de um relato ser escrito, ele passa por vários níveis de memória e interpretação.

Ou seja, além de ser impossível verificar os enunciados universais propostos pela pesquisa do “Jesus histórico”, é descabida a rejeição do “Cristo da Fé” por ser uma figura tendenciosa. Isso porque, segundo Popper, todas as fontes históricas são tendenciosas por natureza.⁴ Esse cenário se complica ainda mais quando se percebe que algumas das fontes utilizadas por essa busca nem mesmo tratam a respeito de Jesus, sendo escolhidas com o único propósito de formular uma reconstrução contextual. Ou seja, são escolhidas apenas com o propósito de formular um enunciado universal.

Outro ponto que Popper apresenta como problemático são os sistemas impróprios. Segundo o filósofo (POPPER, 2008, p. 75, 97-98), um sistema de axiomas adequado deve ser livre de contradições. Caso existam, o sistema pode ser manipulado para produzir qualquer tipo de conclusão desejável. Além disso, um sistema de axiomas não compatíveis não pode ser falseável, justamente por não permitir que se diga as diferenças entre quaisquer enunciados. Popper (2008, p. 75) também defende que para falsear apenas uma parte do sistema seria necessário que os axiomas dele não se derivassem um dos outros. Isso leva a crer que a menos que os axiomas sejam independentes e não-derivados uns dos outros, todo o sistema seria comprometido. Além disso, Popper (2008, p. 80) explica que se um sistema possuir desdobramentos diretos que são falsos, então todo o sistema será falso. Isso fica particularmente complicado quando se tem um sistema que se contradiz, já que o próprio sistema atesta sua falsidade.

Isso deixa a metodologia em estudo em uma situação complicada, já que os critérios de autenticidade são conflitantes entre si. Portanto, ao se aplicar a lógica de Popper a eles, fica estabelecido que eles são insuficientes para verificar se um texto analisado é autêntico ou não. Isso

⁴ O ponto levantado por Popper é que os autores antigos escreveram dentro da perspectiva limitada do seu conhecimento e da sua teoria preconcebida do que era importante ou relevante registrar à época. Sendo assim, dizer que todas fontes históricas são parciais não implica necessariamente dizer que seus autores foram desonestos ou que deliberadamente alteraram os documentos, mas sim reconhecer as limitações e condições dos indivíduos que escreveram aqueles documentos. Além disso, seria anacrônico impor os critérios atuais de imparcialidade à documentos escritos a milhares de anos.



porque seria possível manipular a metodologia para escolher um resultado pretendido. Além do mais, alguns dos critérios são feitos com base em pressupostos adquiridos por outros critérios, em uma regressão infinita, conflitante, e, por conseguinte, falsa. Sendo assim, se um texto é considerado inautêntico por determinado critério, mas autêntico por outro, a implicação lógica é que o sistema de axiomas não se sustenta.

Já foi visto aqui que alguns autores propõem uma série de ajustes à maneira que tem sido usada na busca pelo “Jesus histórico”. Segundo eles, mudar os critérios ou reformar a metodologia poderia restaurar a integridade desse sistema. Essa é uma proposta que parece ir contra o que é sugerido por Popper. Isso porque o filósofo (POPPER, 2008, p. 77) fala da possibilidade de um sistema se tornar convencionalista, ou seja, ter como aceitáveis apenas os resultados que ele mesmo convencionou. Para o autor, esse tipo de sistema não pode ser testado e, por isso, não pode ser chamado de científico. Segundo Popper (2008, p. 86), a maneira de evitar o convencionalismo é não tentar preservar o sistema por novas convenções, caso contrário, o sistema pode até ser plausível, mas perderá sua correspondência com a realidade.

Sendo assim, tentar reformar como é feita a busca pelo “Jesus histórico” só iria torná-la convencionalista. Contudo, é necessário fazer uma ressalva, já que o sistema de critérios de autenticidade é, por definição, convencionalista. Isso porque a essência dessa metodologia é estabelecer um conjunto de convenções, levantadas por indução, que define o que seria autêntico ou não. Dessa forma, o sistema dos critérios de autenticidade parece ser irremediavelmente irreparável.

Ainda que se considere que alguns autores, como Bruce J. Malina (2011), abordem a busca pelo “Jesus histórico” de uma perspectiva das ciências sociais, as conclusões permanecem. Isso porque essa abordagem também é construída sobre o pensamento indutivista, uma vez que usa dos enunciados específicos para formular uma generalização reconstruída da sociedade (MALINA, 2011, p. 754). Além disso, Malina (2011, p. 748) explica que a análise da ciência social é formulada com base em uma “alta dosagem” das conclusões dos historiadores modernos. Isso significa que os aspectos históricos já discutidos permanecem, mas são acrescidos de mais uma camada de reconstrução indutivista. Além disso, nessa abordagem, Jesus é quase ignorado como indivíduo, apresentado (MALINA, 2011, p. 760) como parte de uma reconstrução social-histórica. Essa desconsideração das características individuais são exatamente o oposto do que Popper (1976, p. 104) propõe. A verdade é que, segundo Malina (2011, p. 749, 754), essa perspectiva do “Jesus histórico” assume abertamente seu caráter circular e convencionalista, corroborando as conclusões aqui apresentadas.

Considerações finais

Considerando os aspectos expostos até aqui, pode-se concluir que a metodologia do “Jesus histórico” não pode ser considerada científica, mas sim metafísica. Na verdade, o próprio Popper (1974, p. 276-277) apresenta as teorias históricas como sendo essencialmente “pontos de vista” de como fatos passados influenciaram a sociedade. Popper (1974, p. 269, 381-382)



defende que reconhecer isso é algo necessário para se evitar ilusões e a imposição radical de pressupostos alheios à crítica.

Claro que Popper não considera a pesquisa histórica como sem importância. Na verdade, o filósofo (POPPER, 1974, p. 269, 274-275) apresenta que essa linha acadêmica deve ser levada a sério, sempre buscando a melhor relação com os dados disponíveis. É também necessário reconhecer que ele não vê a metafísica como algo ruim. Apesar disso, o autor aponta (POPPER, 2008, p. 36) que, ironicamente, para os indutivistas a metafísica seja algo inútil para se “lançar no fogo”. Essa mesma linha de pensamento está presente na busca pelo “Jesus histórico”, onde alguns autores (MEIER, 2011, p. 299) dizem que o “Cristo da fé” seria algo medieval e anterior ao iluminismo. A ironia apontada por Popper, mais uma vez se revela: O indutivista que tanto repulsa a metafísica, se mostra parte dela.

Entretanto, o que se percebe é que a metodologia do “Jesus histórico” é circular porque depende das suas conclusões para existir; subjetiva porque não é capaz de eliminar as inclinações dos pesquisadores; arbitrária porque escolhe apenas algumas fontes de pesquisa; contraditória porque permite chegar a conclusões diametralmente opostas; não testável porque suas conclusões são indutivas. Isso, torna questionável a afirmação de que o “Jesus histórico” apresentaria um quadro mais preciso que o “Cristo da Fé”. Como foi demonstrado, a linha de pesquisa em estudo é deficiente em apresentar precisão ou atestar veracidade de afirmações ou dados.

Aliás, o “Cristo da fé” parece oferecer parâmetros mais objetivos aos pesquisadores. Isso porque o Novo Testamento oferece um ponto de partida concreto, mesmo quando o consideram dogmático ou não autêntico. Além disso, as ferramentas disponíveis para as análises textuais, hermenêuticas e semânticas parecem ser mais precisas que os critérios de autenticidade.

Sendo assim, é inevitável atestar o desgaste da metodologia em estudo. Além de não cumprir seu papel, ela parece desviar do caminho aqueles que desejam encontrar um retrato mais preciso da figura histórica de Jesus. Sendo assim, tendo como marco teórico Karl Popper, pode-se afirmar que a metodologia do “Jesus histórico” é completamente ineficaz e ineficiente no que se propõe.

Referências

ALLISON JR., D. C. How to marginalize the traditional criteria of authenticity. In: **Handbook for the study of the historical Jesus**. Leiden e Boston: Brill, 2011. v. 1.

BAASLAND, E. Fourth quest? What did Jesus really want? In: **Handbook for the study of the historical Jesus**. Leiden; Boston: Brill, 2011. v. 1.

BAERT, P. **Philosophy of the social sciences: towards pragmatism**. Cambridge; Malden: Polity Press, 2005.



BYRSKOG, S. The historicity of Jesus: how do we know that Jesus existed? In: **Handbook for the study of the historical Jesus**. Leiden; Boston: Brill, 2011. v. 1.

CHARLESWORTH, J. H. The historical Jesus: How to ask questions and remain inquisitive. In: **Handbook for the study of the historical Jesus**. Leiden; Boston: Brill, 2011.

CHILTON, B. D. Method In A Critical Study Of Jesus. In: **Handbook for the study of the historical Jesus**. Leiden; Boston: Brill, 2011. v. 1.

CROSSAN, J. D. Context And Text In Historical Jesus methodology. In: **Handbook for the study of the historical Jesus**. Leiden; Boston: Brill, 2011. v. 1.

DONNE, A. L. **Historical Jesus: what can we know and how can we know it?** Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2011.

DUNN, J. D. G. **Jesus Remembered**. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishings Co., 2003.

DUNN, J. D. G. **A new perspective on Jesus: what the quest for the historical Jesus missed**. Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2005.

EVANS, C. A. General introduction. In: **The historical Jesus: Critical Concepts in Religious Studies**. Londres: Routledge, 2004.

GRAHAM, S. L. **The flesh was made word: a metahistorical critique of the contemporary quest of the Historical Jesus**. Sheffield, Inglaterra: Sheffield Phoenix Press, 2010.

HOLMBERG, B. Futures for the Jesus Quest. In: **Handbook for the study of the historical Jesus**. Leiden; Boston: Brill, 2011. v. 2.

JARVIE, I. Popper's philosophy and the methodology of social science. In: **The Cambridge companion to Popper**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2016.

JENKINS, P. **Hidden Gospels: How the search for Jesus lost its way**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2001.

LEVINE, A. J. Introduction. In: **The historical Jesus in context**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2006.



MALINA, B. J. Social-scientific Approaches and Jesus Research. In: **Handbook for the study of the historical Jesus**. Leiden; Boston: Brill, 2011. v. 1.

MCKNIGHT, S. **Jesus and His death: historiography, the historical Jesus and Atonement Theroy**. Waco, Texas: Baylor Univeristy Press, 2005.

MEIER, J. P. Basic methodology in the quest for the historical Jesus. In: **Handbook for the study of the historical Jesus**. Leiden; Boston: Brill, 2011. v. 1.

PFLEIDERER, O. Introduction to the Present Edition. In: **The Life of Jesus critically examined**. 4. ed. Londres: Swan Sonnenshin & Co. Lim, 1902.

POPPER, K. R. **A sociedade aberta e seus inimigos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

POPPER, K. R. The logic of the social Sciences. In: **The positivist dispute in German sociology**. Lodon: Heinemann Educational Books, 1976.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução Leonidas Hegenberg; Octanny Silveira Da Mota. 16. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

PORTER, S. E. **Criteria for authenticity in historical-Jesus research**. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 2000.

PORTER, S. E.; HOLMÉN, T. The handbook for the study of the historical Jesus in perspective. In: **Handbook for the study of the historical Jesus**. Leiden e Boston: Brill, 2011. v. 1.

PRICE, R. M. et al. **The historical Jesus: five views**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009.

STRAUSS, D. F. S. **The life of Jesus critically examined**. Tradução de George Eliot. 4. ed. Lodon: Swan Sonnenshin & Co. Lim, 1902.

THEINSEN, G.; WINTER, D. **The quest for the plausible Jesus: the question of criteria**. Tradução de M. Eugene Boring. Louisville, Kentucky: John Knox Press, 2002.

UEBEL, T. Twentieth-century philosophy of social science in the analytic tradition. In: TURNER, S. P.; ROTH, P. A. (Eds.). **The Blackwell guide to the Philosophy of the Social Sciences**. Malden; Oxford; Melbourne; Berlim: Blackwell Publishing, 2003.